

RESENHA DE LIVRO

TONUCCI, Francesco. **FRATO: 40 anos com olhos de criança**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 245p.

Entre as muitas propostas que fez, na sua Itália e na Europa, para o debate educacional nos anos de 1970, Francesco Tonucci sugeriu duas ideias que continuam muito atuais. A primeira delas foi uma observação de que as práticas educacionais costumavam banalizar o conceito de pesquisa. A segunda apontava o equívoco da escola de tempo integral.

Na época, era comum propor estudos de um assunto por meio de consultas em enciclopédias. O resultado da consulta (a pesquisa) devia ser apresentado num relatório escrito. O resumo apresentado repetia, ou até mesmo reproduzia *ipsis litteris*, informações que aparentemente os alunos não entendiam. Todo esse processo passava para os estudantes uma imagem equivocada do que é o processo investigativo em ciência. O conceito de pesquisa subjacente a tal prática escolar indicava um fazer burocrático e livresco. Ficava ausente o desejo de estudar um problema significativo e instigante. Ficavam de fora todos os fatores que dão alma à pesquisa. Hoje, substituindo enciclopédias por Internet, podemos manter integralmente a observação feita pelo educador italiano.

Numa Europa em que quase todos os educadores estavam encantados com a escola de tempo integral, Tonucci era uma voz discordante. Para ele, competia à escola a re-elaboração de saberes desenvolvidos em múltiplas experiências de vida. Se passassem todo o tempo na escola, que experiências de vida teriam as crianças? Quase nenhuma, salvo uma ou outra experiência delegada do que viam na televisão. Essa posição do autor de **Com olhos de criança** contém muitas críticas a um conhecimento incapaz de articular processos de retomada de saberes que se estruturam em outros lugares que não a escola – a rua, os parques, as praças, o campo, o bairro, o condomínio etc. O autor não se encantou com as promessas de uma educação mais completa se os alunos permanecessem na escola o dia todo. Para ele, era importante recuperar espaços de convivência humana nos quais as crianças pudessem aprender de modo espontâneo. Um desses espaços era a rua. O alerta de Tonucci continua tão atual como o era quarenta anos atrás.

As duas notas com as quais se inicia esta resenha mostram que Tonucci não é um educador comum. Nem é um pesquisador sempre identificado com tendências hegemônicas no campo pedagógico. Prova disso é seu livro **Com olhos de criança**. A obra é surpreendente. Em vez de apresentar ideias no formato de estudos ou ensaios, o autor se serve de charges. O livro foi organizado a partir de uma seleção das melhores charges produzidas por Frato, nome com o qual Tonucci assina seus desenhos nos últimos quarenta anos. Há pouco texto no livro. Apenas algumas apresentações de educadores da Europa e América do Sul, além de uma introdução na qual Tonucci conversa com Frato.

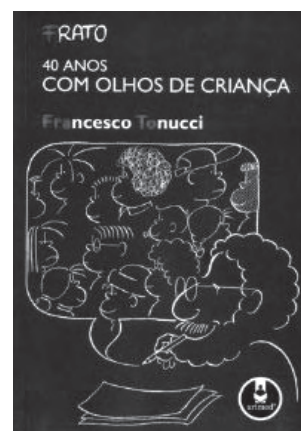
Charges e histórias em quadrinho são formas relativamente recentes de comunicação. Quase sempre são vistas como entretenimento. Mas essa visão vem mudando. Algumas obras

de chargistas e desenhistas começam a ganhar espaço como expressões culturais importantes. O livro de charges de Frato talvez seja o primeiro com tais características no campo da educação. Em seus desenhos, com humor e ironia, Tonucci apresenta de modo sintético ideias inspiradoras para avaliar como anda a educação, quais os caminhos que os educadores deveriam trilhar, o que podemos aprender com as crianças, qual a importância do brinquedo na vida infantil, como a cidadania se apequena quando deixamos de ver os espaços públicos como locais de convivência humana e de aprendizagem.

A obra foi organizada em capítulos que mostram a trajetória de aprendizagem das crianças da concepção aos primeiros anos escolares. Dois capítulos fogem desse roteiro: um sobre professores, outro sobre pais. Os desenhos de **Com olhos de criança** são simples, com poucos traços. Às vezes lembram obras de Quino, o autor de Mafalda. As charges de Frato, como observa Loris Malaguzzi, um dos apresentadores da obra, denunciam com sátiras, com ironia. Dão voz às crianças, mostrando uma cultura que as isola, que faz da educação escolar um mecanismo de segregação dos mais jovens.

No capítulo **A criança cidadã**, Tonucci aponta a necessidade de que todos os espaços públicos sejam ambientes nos quais as crianças possam conviver com outras crianças e com pessoas de todas as idades. Na charge mais representativa desse ideal do autor, um menino diz: “*Senhor prefeito, não queremos escorregadores, nem balanços, queremos a cidade*”. Essa fala reflete o desejo de que o tecido urbano seja lugar para crianças. Critica, ao mesmo tempo, os princípios de segregação presentes na concepção de parques infantis. Tonucci acredita que uma cidade mais atenta para as questões da convivência humana é um espaço de elaboração de saberes que servirão de combustível para a re-elaboração do conhecimento na educação escolar. Além disso, essa visão de cidade aponta para uma direção política que não pode ser ignorada pelos educadores. Cidadania para as crianças não é apenas uma prática escolar de ensaio para o futuro. Ela é, muito mais, convivência sem restrições nos espaços públicos da cidade.

Nos capítulos que roteirizam o percurso das crianças desde a concepção há muitas observações que merecem destaque. No primeiro capítulo, **Esperando pelo nascimento**, crianças em úteros maternos manifestam desejos completamente opostos aos sonhos de pais e outros adultos. Convém ilustrar essa observação com a descrição de um dos desenhos de Frato. Dois pais felizes conversam sobre a criança ainda por nascer. Dizem que farão do filho um engenheiro. E completam: en-



genheiro aeroespacial! Um balão de diálogo, apontando para o ventre da mãe, revela o sonho da criança: “*Puxa, e eu que estava pensando em escrever meu primeiro romance*”. Os adultos, com suas preocupações de sucesso, não percebem que os sonhos de seus filhos serão quase sempre muito diferentes dos que eles planejam para seus herdeiros.

Em **Os primeiros dias**, o autor aborda as fases iniciais da infância. Frato observa em seus desenhos como os adultos se equivocam nas relações com as crianças. A charge mais irônica do capítulo mostra, ao fundo, uma criança em seu cercadinho. No quadro inicial, em primeiro plano, a mãe diz ao telefone: “*Você tem que ver como ele está feliz no cercadinho com todos os seus brinquedos*”. Num segundo quadro aparece a criança em close, agarrada às barras do cercadinho, triste, tal qual um prisioneiro olhando o mundo da janela de sua cela. O desenho sintetiza diversas observações de Tonucci sobre o engano adulto de achar que a abundância de brinquedos deixará as crianças felizes. Esse ideal consumista é confrontado com o desejo que a criança tem de brincar com suas próprias invenções. O tema merece, mais à frente, um capítulo especial: **A brincadeira**.

O ambiente de creches e a educação infantil são vistos de forma irônica pelo educador italiano. O capítulo **Vou para a creche** tem como desenho de abertura um cabide no qual estão penduradas várias crianças. A função de armazenar crianças em local seguro, a fim de que os pais tenham mais liberdade para tratar de seus compromissos, é denunciada com dureza. Em outras charges, Frato mostra como certos procedimentos na creche são impessoais. Isso pode ser observado, por exemplo, nos cuidados de higiene e de alimentação, situações importantes tanto do ponto de vista afetivo como de desenvolvimento sócio-cognitivo. Uma profissional alimentando simultaneamente oito crianças, numa operação parecida com uma cadeia de montagem industrial, retrata, em desenho paradigmático, a visão de Tonucci sobre a educação infantil oferecida a nossas crianças. É interessante uma historinha sobre um passeio para conhecer o bairro. Cenas sequenciais mostram um grupo de crianças circulando aos pares em fila, sempre muito vigiadas, sempre protegidas contra os supostos perigos da rua. Quando voltam à escola, os alunos são convidados a desenhar o que viram. A cena final mostra uma criança desenhando os cabelos eriçados da nuca do menino que esteve o tempo todo à sua frente na fila. Tonucci volta a dois temas recorrentes em sua obra: o papel segregador da escola e o excesso de vigilância, que não permite às crianças fazerem explorações espontâneas do ambiente.

O futuro e as contradições entre o que dizem e o que fazem os adultos são os principais temas tratados nas charges do capítulo **Quando eu for grande**. Há, nessa parte do livro, uma variedade de assuntos que merecem um olhar atento e irônico de Frato. Um deles é estudo e trabalho. Numa charge que mostra uma conversa no ambiente escolar, uma criança diz para outra: “*Antes era mais fácil, agora para nos transformarmos em desempregados temos que ir para a escola até os dezesseis anos*”. Numa outra charge, o assunto é a excessiva carga de responsabilidade que as crianças são obrigadas a assumir. Na cena, dois pais puxam seus respectivos herdeiros extenuados pelas mãos. Um dos adultos diz: “*Não é*

por nada, mas meu filho depois da escola faz natação, dança e pintura”. O outro adulto responde: “*A minha, além disso, estuda violão*”.

Talvez o capítulo mais expressivo da obra seja **A brincadeira**. Em várias charges, o autor mostra situações em que pais presentiam filhos com quantidades enormes de brinquedos sofisticados. Os filhos ou vêem tudo aquilo com indiferença ou sonham com coisas mais simples, produtos de sua própria invenção. A denúncia de Tonucci desvela o equívoco de acreditar que a posse de muitos brinquedos aumentará a felicidade das crianças. Em todas as situações, a imaginação e o gosto infantil são ignorados. Há muitos desenhos abordando o tema. Convém citar um deles para exemplificar as reflexões de Frato. Um casal pergunta à filha: “*Neste Natal queremos realizar um desejo seu: que brinquedo você quer?*” A criança, com cara alegre, responde: “*Poças de água e barro?*” A ideia de brinquedo como produto que pode ser comprado, em vez da exploração do mundo a partir da imaginação infantil, predomina, segundo Frato, entre os adultos. Além disso, quase sempre os pais parecem ignorar que a brincadeira é uma oportunidade de criação de fortes laços afetivos com as crianças. Brincar converteu-se em obrigação. Exemplo disso é uma charge em que uma criança roda tristemente seu carrinho entreouvindo a conversa dos pais. No quadro a mãe fulmina o pai: “*Nada disso, você não vai sair. Hoje é seu dia de brincar, afinal ontem e anteontem fui eu que brinquei!*”

Com o mesmo olhar crítico, e com a mesma empatia pelos personagens que retrata, o autor apresenta diversas charges sobre professores e pais. Em cada desenho, dúvidas, dificuldades, perplexidades, boas intenções desses adultos são tratadas com humor, mas com delicadeza. A mensagem de fundo em todos os desenhos é a da necessidade de aprendermos mais com as crianças.

Charges são formas sintéticas de comunicação. Mesmo que organizadas tematicamente, como as que aparecem na obra de Frato, cada uma delas tem um conteúdo cuja riqueza merece comentário específico. Essa característica faz com que tentativas de resenha de **Com olhos de criança** fiquem incompletas.

Vale uma observação final. O livro de Francesco Tonucci não é obra para uma leitura tradicional. É obra para ser contemplada. Para ser degustada aos poucos. Cada charge merece um olhar atento e uma pausa reflexiva para reconsiderar práticas educacionais cujos equívocos só podem ser claramente percebidos quando um artista com o talento, humor e ironia de um Frato desvela-os de forma contundente.

Jarbas Novelino Barato
Professor. Mestre em Tecnologia Educacional pela San Diego State University (SDSU). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
E-mail: jarbas.barato@gmail.com